[english version bellow]

Também se colecionavam falsificações?

Deve-se ao egiptólogo francês Auguste Mariette, fundador do Museu de Bulak (antecessor do Museu de Guiza), um impulso fundamental para a salvaguarda da memória do Antigo Egipto, enquadrando-a no âmbito da Arqueologia e História e valorizando-a através do espaço museológico. Inicialmente agente e curador do Museu do Louvre, Mariette viria a fixar-se no Egipto, dedicando-se à preservação do património egípcio no país. A sua atuação encontrou o apoio necessário nas sucessivas restrições impostas pelos governos de Muhammad Ali, na primeira metade do século, e, posteriormente, Muhammad Said, relativamente à saída de espólio egípcio para o estrangeiro.

Estas novas disposições contrariavam a prática normalizada pelas principais instituições e personalidades europeias, que através de agentes com atuações mais ou menos legitimadas, adquiriam ou pilhavam vastas quantidades de artefactos egípcios. Dado o interesse que despertavam, a comercialização local de antiguidades desenvolveu-se rapidamente, tornando-se numa atividade lucrativa e que, de forma bastante recorrente, se complementava pela indústria de falsificações.

Paralelamente, fruto das novas vias de circulação, como o caminho de ferro, que tornavam cada vez mais apetecível e cómoda a viagem até ao Nilo, o Egipto viu florescer o seu crescente fluxo turístico e, no mesmo ano em que se inaugurava o Canal do Suez (1869), Thomas Cook, pioneiro agente de viagens, realizava a sua primeira viagem pelo Nilo, antecipando a criação de um dos vários tours garantidos pela sua agência, que rapidamente se tornariam extremamente populares nas elites europeias.

O desconhecimento que então existia sobre os artefactos adquiridos facilitava a compra, consciente ou inconscientemente, de falsificações que consolidavam o volume de aquisições dos referidos agentes e turistas. Atualmente, procedem-se recorrentemente a revisões dos espólios egípcios de diversos Museus e Coleções a nível mundial, que, por vezes, revelam algumas ótimas falsificações que, também elas, se tornam objeto museológico.

Were forgeries also collected?

It is due to the French Egyptologist Auguste Mariette, founder of the Bulak Museum (predecessor of the Giza Museum), a fundamental impulse for safeguarding the memory of Ancient Egypt, framing it within the scope of Archaeology and History and valuing it through the museum space. Initially an agent and curator of the Louvre Museum, Mariette would later settle in Egypt, dedicating himself to the preservation of Egyptian heritage in the country. His actions found the necessary support in the successive restrictions imposed by the governments of Muhammad Ali, in the first half of the century, and, later, Muhammad Said, regarding the departure of Egyptian assets abroad.

These new dispositions contradicted the practice standardised by the main European institutions and individuals, who, through agents with legitimate and illegitimate actions, acquired or looted vast quantities of Egyptian artefacts. Given the interest they aroused, the local commercialization of antiquities developed rapidly, becoming a lucrative activity that, quite recurrently, was complemented by the counterfeiting industry.

At the same time, as a result of new means of transport, such as the railway, which made the journey to the Nile increasingly desirable and comfortable, Egypt saw its growing tourist flow flourish and, in the same year that the Suez Canal was inaugurated (1869), Thomas Cook, a pioneer travel agent, made his first trip down the Nile, anticipating the creation of one of several tours guaranteed by his agency, which would quickly become extremely popular with European elites.

The lack of knowledge at the time concerning the acquired artifacts facilitated the purchase, consciously or unconsciously, of forgeries that consolidated the volume of purchases of both agents and tourists. Currently, there are recurrent reviews of Egyptian collections of various Museums and Collections worldwide, which sometimes reveal some excellent forgeries that have also become, in their own right, museum objects.